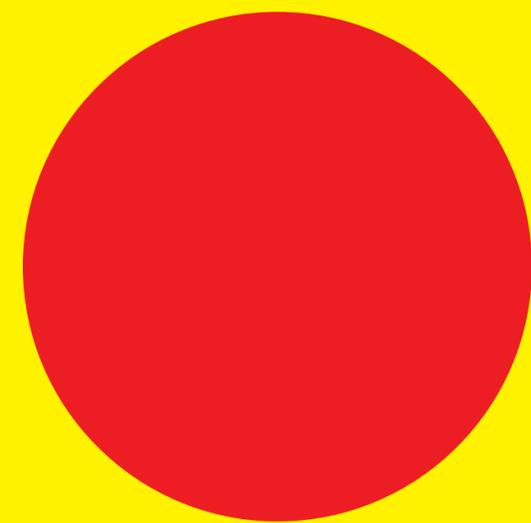
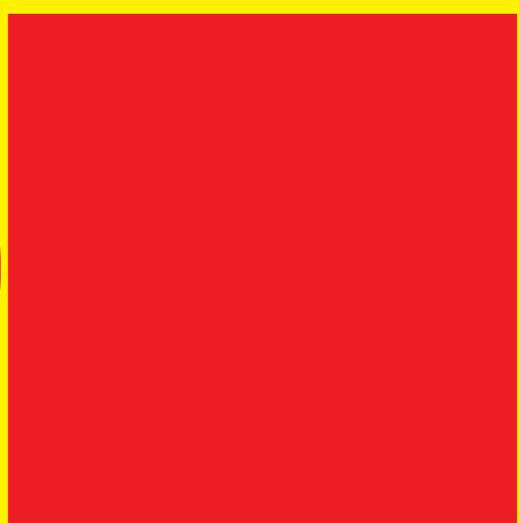
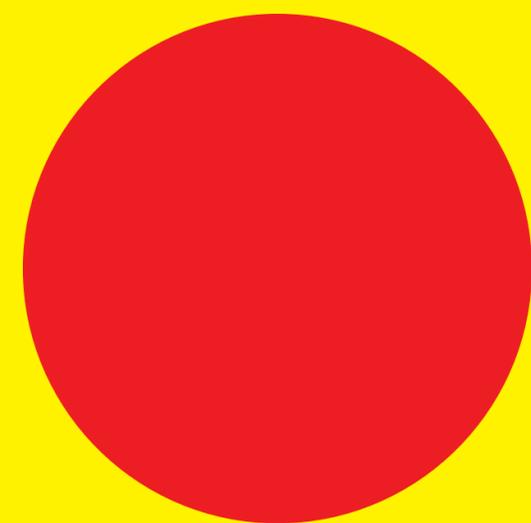
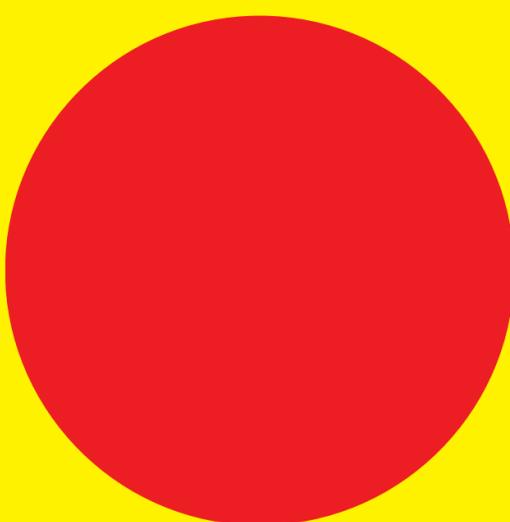
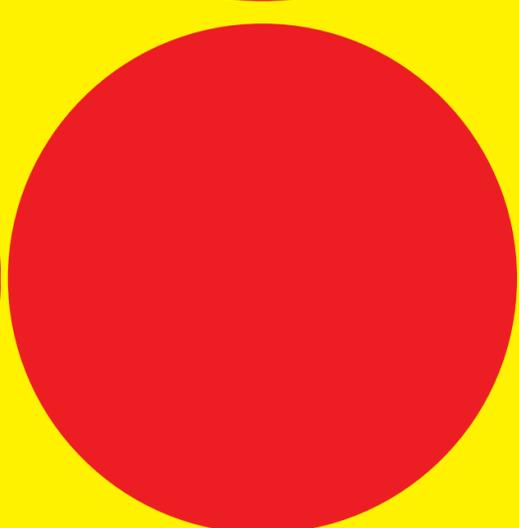
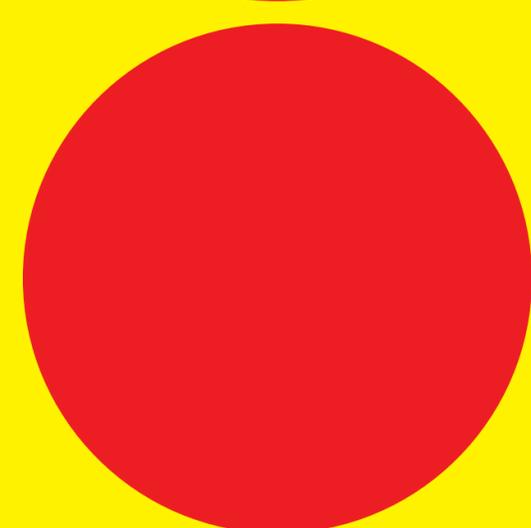
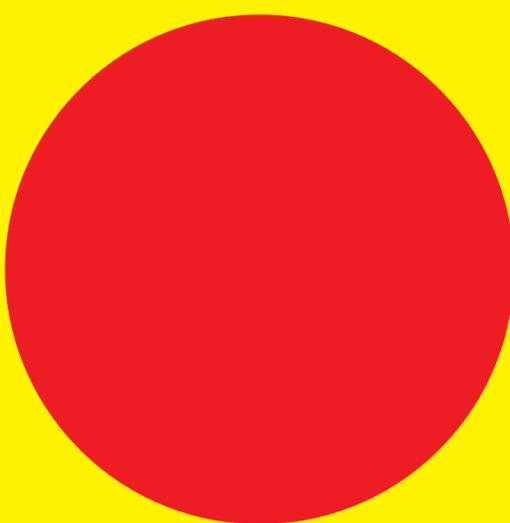
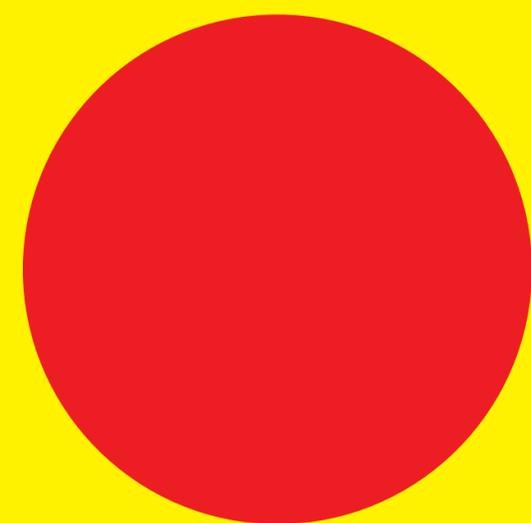


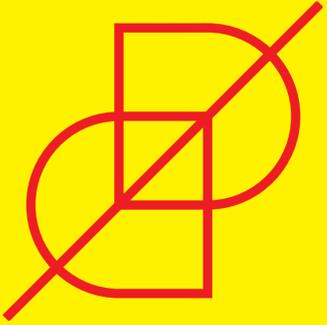
09.03.—14.07.
2019

Curadoria
José Bártolo

SINAL

100 anos de Design das Telecomunicações
e dos Correios em Portugal





SINAL

100 anos de Design das Telecomunicações e dos Correios em Portugal

Casa do Design, Matosinhos
09 março — 14 julho 2019

Organização
Câmara Municipal de Matosinhos
esad—idea, Investigação em Design e Arte
Fundação Portuguesa das Comunicações

Curadoria
José Bártolo

Assessoria de Curadoria
Miguel Frazão

Coordenação Geral
Bárbara Araújo
Sérgio Afonso

Design Gráfico
Inês Nepomuceno
Susana Martins

Web Design
Diogo Vilar
Diogo Terremoto
Rafael Gonçalves

Design Expositivo
Rui Canela

Gestão de Projeto
Sara Pinheiro

Gestão de Produção
Sofia Meira

Produção
Alexandre Barbosa
Carlos Rocha
José Castro
Maria Joana Borges

Edição e Revisão de Texto
Andreia Faria

Imagem e Som
Fernando Miranda
Tânia Franco

Assessoria de Comunicação
Mafalda Martins
Ana Rita Carvalho

CÂMARA MUNICIPAL DE MATOSINHOS

Presidente
Luísa Salgueiro

Vice-Presidente
Eduardo Pinheiro

Vereador da Cultura
Fernando Rocha

Coordenação do Projeto
Clarisse Castro
Maria José Rodrigues
Maria José Mesquita

Comunicação e Relações Públicas
Jacinta Baptista

Assessoria de Imprensa
Jorge Marmelo

ESAD—IDEA INVESTIGAÇÃO EM DESIGN E ARTE

Diretor Executivo
Diogo Vilar

Direção
Ana Sofia Cardoso
José Bártolo
Sérgio Afonso

FUNDAÇÃO PORTUGUESA DAS COMUNICAÇÕES

Presidente do Conselho Executivo
Teresa Salema

Vogais do Conselho Executivo
Mário Freitas
Raul Moreira

Secretária-Geral
Margarida Sá Costa

Conservadora do Arquivo Histórico e Biblioteca
Dina Grácio

Conservadora do Património Filatélico e Artístico
Fátima Santos Marques

Conservadora do Património Postal e Telecomunicações
Isabel Manteigas

Comunicação e Relações Públicas
M.ª João Nogueira

Luísa Salgueiro
Presidente da Câmara Municipal de Matosinhos

Fernando Rocha
Vereador da Cultura da Câmara Municipal de Matosinhos

Quando decidi potenciar a presença da ESAD/ Escola Superior de Artes e Design em Matosinhos, transformando-a numa forma de alavancar a visibilidade e atratividade do concelho, e criando a Casa do Design, Guilherme Pinto teve sempre entre as suas prioridades a necessidade de não permitir que este equipamento adquirisse uma feição elitista e descolada da realidade. Pretendia, sobretudo, que a Casa do Design fosse capaz de demonstrar a importância da disciplina no quotidiano de cada um de nós, tornando-o mais simples, mais prático ou mais bonito. “O design está em toda a parte”, costumava dizer, assim clarificando a sua visão relativamente à importância de uma disciplina que, no seu entender, podia e devia servir também de mediador para uma nova forma de Matosinhos se relacionar com os seus municípios e com o mundo.

Após quase três anos de atividade, o percurso da Casa do Design de Matosinhos é já capaz de falar por si. O conjunto de exposições aqui apresentadas tem estimulado o diálogo permanente entre o design português e internacional, as instituições do país, a nossa história e a vivência do cidadão comum, permitindo, deste modo, compreender as múltiplas implicações do design nos nossos gestos quotidianos – na nossa vida.

Depois da mostra dedicada à reinvenção das práticas artesanais portuguesas, à história da editora discográfica Orfeu, às singulares motos nacionais, à nossa imprensa ou às subtilezas políticas da propaganda turística, a exposição que agora dedicamos à evolução da comunicação em Portugal permite um original mergulho nas nossas memórias.

Ponderada de modo retrospectivo, a reconfiguração das nossas vidas gerada pela passagem da lenta comunicação escrita ao paradigma dos contactos instantâneos, móveis e digitais foi também assinalada por momentos em que o design gráfico, urbano, de comunicação e industrial contribuiu de modo decisivo para tornar mais próxima a nossa relação com os Correios, o telégrafo, o telefone, o correio azul ou o *e-mail*. De uma forma ou de outra, o design esteve sempre em toda a parte.

Não é necessário ter grandes conhecimentos de neurociências, ou ter lido a *Montanha Mágica*, de Thomas Mann, para ter a noção de que a perceção do tempo, da sua velocidade, é um dos fenómenos mais curiosos da existência.

Entre o momento em que os primeiros telefones móveis e a comunicação digital entraram nas nossas vidas transcorreram, *grosso modo*, três décadas. Transportamos hoje num único bolso não só o telefone, mas também o computador, a estação de correios e um conjunto de ferramentas tecnológicas que tornou mais fácil e mais rápida a comunicação entre os seres humanos. O telefone fixo, com o disco rotativo que servia para marcar os números, parece às novas gerações um instrumento rudimentar, pré-histórico, e o tempo parece ter-se acelerado brutalmente à custa da constante chegada de novidades tecnológicas e *gadgets* de comunicação. Alguém ainda sabe o que é o moderníssimo *pager*? Ou o que foi o revolucionário *mIRC*?

E, todavia, transcorreram também meros 23 anos entre a data em que Samuel Morse registou a patente do telégrafo (1837), acelerando extraordinariamente o envio de mensagens escritas, e o ano em que o italiano Antonio Meucci inventou o telefone (1860), tornando possível a transmissão da voz a grandes distâncias. Logo a seguir, em 1896, Marconi inventou a telegrafia sem fios. À época, o surgimento destas tecnologias há de também ter parecido vertiginoso, acelerando o tempo dos fleumáticos cavalheiros e das gentis damas que assistiam às espetaculares novidades das comunicações novecentistas.

É sobre a declinação portuguesa desta história fantástica que versa a exposição SINAL – 100 anos de Design das Telecomunicações e dos Correios em Portugal, agora patente na Casa do Design de Matosinhos, permitindo entender de que modo a revolução da comunicação alterou radicalmente o nosso modo de vida em pouco mais de um século.



SINAL

100 anos de Design das Telecomunicações e dos Correios em Portugal

SINAL é a primeira grande exposição centrada na relevância do design português na sua relação com alguns dos principais *media* de comunicação interpessoal do século xx (a carta, a telegrafia e a telefonia) e as entidades corporativas, empresas de bandeira durante décadas, e os seus serviços, desde o final de oitocentos até à entrada do novo milénio.

Organizada pela Câmara Municipal de Matosinhos, pela Fundação Portuguesa das Comunicações e pela esad—idea, Investigação em Design e Arte, a exposição SINAL inscreve-se na orientação programática da Casa do Design, trabalhando exposições de investigação e arquivo que possibilitem um aprofundamento do design português como vértice de uma triangulação com a indústria e a sociedade.

À semelhança da exposição anterior, *Imprimere — Arte e Processo nos 250 anos da Imprensa Nacional*, a presente mostra trabalha, igualmente, uma aproximação a empresas de bandeira que, pela sua relevância cultural e socioeconómica, pela sua expressão histórica e territorial, se tornam referências identitárias facilmente refletidas no plano da vida quotidiana, quer em contexto urbano, quer rural.

A Altice Portugal e os CTT Correios de Portugal, duas das maiores empresas sediadas em Portugal, são, na atualidade, as marcas representativas de uma longa história que acompanha a evolução das telecomunicações e dos correios em Portugal. Num percurso temporal que se inicia no final do

século xix, a exposição reflete, por um lado, sobre os modos como os *media* telemáticos reconfiguraram a vida pública e privada em Portugal, procurando, por outro lado, construir uma historiografia do design e da produção industrial na sua ligação aos equipamentos, campanhas de comunicação e serviços das empresas de correios e telecomunicações nacionais.

Assumindo uma dimensão didática associada ao discurso curatorial, a exposição surge organizada em cinco núcleos expositivos:

Transmissão introduz-nos à evolução das telecomunicações, desde o desenvolvimento da telegrafia elétrica à consolidação da telefonia no contexto do pós-guerra da segunda metade do século xx. Embora diversos equipamentos que integram este núcleo (telégrafos, telefones, comutadores, cabos, junções) sejam importados, em muitos deles a presença do design e da indústria portuguesas, seja na forma de um projeto integral, seja enquanto processo de adaptação, estão bem presentes, como exemplificam o telefone de mesa desenvolvido por Cristiano Augusto Bramão (telefone Bramão, 1879), os isoladores em porcelana produzidos pelas fábricas Vista Alegre e Eletro Cerâmica do Candal ou os trabalhos de ilustração e design gráfico de Carlos Botelho para a APT.

Rede dá a conhecer a evolução das telecomunicações em Portugal na segunda metade do século xx, a acelerada consolidação da eletrónica e da comunicação via satélite e o surgimento do digital.

Mostra-se como, através destes equipamentos e serviços, se consolida uma cultura em rede, marcada por novas formas de conexão, ligação e interação. Pela sua importância social, destacam-se serviços inovadores desenvolvidos em Portugal, como o início do serviço de Credifone nas cabines públicas (1988) ou o lançamento, pela TMN, do primeiro telemóvel pré-pago do mundo, o Mimo.

Equipamento apresenta-nos uma visão centrada na modernização das estações dos Correios iniciada na década de 1930, dentro de um modelo de design total, da arquitetura ao mobiliário. Maquetes das estações dos CTT, promovidas sob a égide do Estado Novo e projetadas pelo Arq.º Adelino Nunes, lançam o mote para um olhar desde o exterior para o interior dos edifícios, nos quais, do mobiliário da Olaio desenhado por José Espinho às máquinas de escrever Messa desenhadas por Jesus Genesio, o design e a produção industrial nacionais marcam presença.

Mensagem reúne alguns dos mais relevantes artefactos gráficos, de comunicação, publicidade e propaganda desenvolvidos para empresas como a APT – The Anglo-Portuguese Telephone Company, CTT Correios, Telégrafos e Telefones, CPRM – Companhia Portuguesa de Rádio Marconi, TLP – Telefones de Lisboa e Porto e Portugal Telecom ao longo do século xx. Através dos cartazes, brochuras e publicações expostas, é possível identificar diferentes linguagens estéticas e diferentes formas de interpretação gráfica das mensagens corporativas. Este núcleo recorda-nos, igualmente, o envolvimento de notáveis ilustradores e designers como Oskar Pinto Lobo, Ilberino dos Santos, Fred Kradolfer, Carlos Botelho, Eduardo Anahory ou TOM, com os correios e as telecomunicações.

Identidade centra-se na evolução da identidade visual dos CTT ao longo do século xx. Identificando-se cinco distintas representações corporativas, aprofundam-se aspetos ligados ao design da marca e a forma como a

evolução identitária reflete, igualmente, significativas transformações na vida da empresa e no contexto social e político envolvente.

Emissão reúne 44 Emissões Filatélicas, desde os anos de 1920 até ao final da década de 90. Através de Emissões tão emblemáticas como a evocativa do *Ano Mundial dos Refugiados* (1960) desenhada por Almada Negreiros, a *Osaka – Expo '70* desenhada por António Garcia, a comemorativa do *Ano Internacional da Mulher* (1975) da autoria de Maria Keil ou as duas séries *Oceanos*, desenhadas por Pedro Salgado para a Expo '98, dão-se a conhecer autores e elementos de processo associados à Emissão, do desenho original ao sobrescrito de primeiro dia, à pagela e ao selo.

Através dos diversos núcleos, que entre si se complementam e associam, a exposição retrata uma certa evolução histórica do design português, espelhando-se o gradual desenvolvimento de correntes estéticas, de meios técnicos e de alterações económicas e políticas que medeiam e reconfiguram a vida quotidiana e os modelos de organização social nacionais.



2



3



4



5

1853	Primeira Emissão Filatélica nacional, selo <i>D. Maria II</i> .
1855	O Estado português assina contrato com a Maison Bréguet para a construção das primeiras linhas de telegrafia elétrica.
1864	É criada a DGTR – Direção Geral dos Telégrafos do Reino.
1878	É produzido o telefone de mesa Bramão, desenvolvido por Cristiano Bramão.
1887	Fundação da APT – The Anglo-Portuguese Telephone Company, popularmente conhecida como “Companhia dos Telefones”.
1887	Início da instalação subterrânea de cabos de pares de condutores para telecomunicações.
1904	É estabelecido o serviço telefónico regular entre Lisboa e Porto.
1904	Introdução da válvula termiônica de Fleming.
1911	Criação da Administração-Geral dos Correios e Telégrafos.
1911	Criação da Caixa Económica Postal.
1912	Emissão Filatélica <i>Ceres</i> , a mais emblemática da Primeira República.
1917	Primeira greve geral dos telégrafos-postais.
1922	É assinado o contrato de concessão à APT com a Marconi Wireless Telegraph Company para a exploração da radiotelegrafia e da telefonia sem fios.
1925	É fundada a CPRM – Companhia Portuguesa Rádio Marconi.
1927	Inauguração da Estação Norte dos Correios de Lisboa.
1927	Início das obras de instalação das Oficinas Gerais da Administração-Geral, em Lisboa.
1928	A APT – The Anglo-Portuguese Telephone Company renova contrato com o Estado português, prolongando a sua atividade até 1967.
1934	Primeira expedição de Correio Aéreo.
1934	É aprovado o Plano Geral de Edificações dos CTT.
1936	É criada, por António Soares, a imagem visual dos CTT: o escudo nacional e as três maiúsculas da sigla CTT dispostas em diagonal sobre a esfera armilar.



6



7



8



9

1937	Criação da Administração-Geral de Correios, Telégrafos e Telefones.
1937	A CPRM – Companhia Portuguesa Rádio Marconi inicia serviço de comunicações radiotelefónicas.
1938	A <i>Revista Oficial do Sindicato Nacional dos Arquitetos</i> dá a conhecer, no seu n.º 6, o Relatório da Comissão para o estudo dos novos edifícios dos CTT.
1938	Inauguração, em Alcobaça, do primeiro edifício integrado no plano de construção de 100 novas estações dos CTT.
1940	Regulamento do serviço de correspondência fonopostal.
1940	Inaugura, integrado na <i>Exposição do Mundo Português</i> , o Pavilhão das Telecomunicações (serviço fonopostal, telecomunicações, correios).
1940	Criação do Serviço de Publicidade e Propaganda CTT.
1940	Início da “Campanha do Bom Gosto” criada por António Ferro para o SPN.
1941	Criação da Taxa Única para o Império Português.
1941	Inicia-se a edição do <i>Guia Oficial</i> dos CTT.
1947	Criação das obras sociais dos CTT sob administração de Couto dos Santos.
1947	Tem lugar a <i>Exposição de Obras Públicas</i> (1932-1947).
1948	Estabelecimento do serviço de Telex.
1948	Primeiras experiências de Televisão em Portugal.
1950	Criação do GECA – Grupo de Estudos de Comutação Automática dos CTT.
1951	Criação do serviço de autoambulâncias postais.
1953	Aprovada a nova identidade visual dos CTT, criada por Jaime Martins Barata, constituída por uma imagem equestre de um postilhão embocando uma corneta.
1953	Primeiro centenário do Selo Postal Português.
1954	Plano de Fomento I integra Plano Geral de Construções Telegráficas e Telefónicas.
1958	Instalação do primeiro feixe hertziano em Portugal, servindo a ligação entre as centrais da Graça e do Montijo.
1959	Tem início a CEPT – Conferência Europeia dos Correios e Telecomunicações, com a participação portuguesa.
1960	Inicia-se o serviço do cabo coaxial Lisboa-Porto.
1964	É criado o IMAE – Instituto de Meios Audiovisuais de Ensino, surgindo, assim, a Telescola.
1967	Início da <i>Revista CTT</i> .
1968	Com a recessão da concessão acordada com a APT, o universo patrimonial da empresa é resgatado pelo Estado português, constituindo-se a empresa pública TLP – Telefones de Lisboa e Porto.
1969	Transformação dos CTT em empresa pública, denominada CTT Correios e Telecomunicações de Portugal.



10



11



12



13

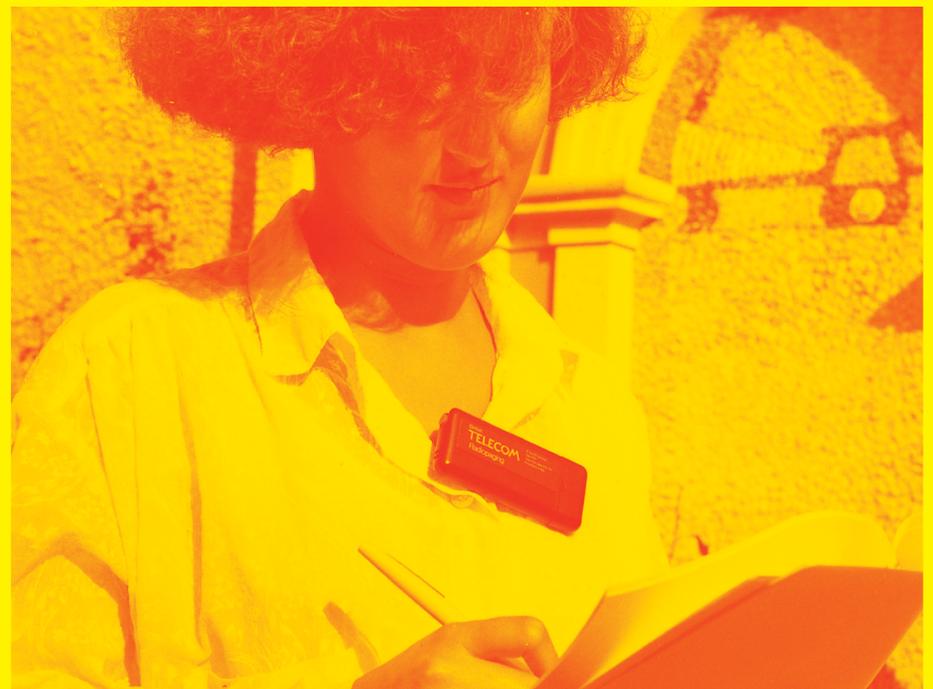
1970	Aprovação e execução do Regulamento do Serviço Postal Militar (SPM).
1971	1. ^a Exposição de Design Português, na FIL, em Lisboa, repetida mais tarde na Associação Comercial, no Palácio da Bolsa, no Porto.
1971	Regulamentação dos Serviços Postais Motorizados e Distribuição Postal Motorizada.
1972	Primeiro comboio expresso postal entre Porto e Lisboa.
1972	A Madeira fica ligada ao continente através do cabo CAM – 1.
1972	Reorganização do GECA, que passa a designar-se CET – Centro de Estudos de Telecomunicações.
1974	É lançado o primeiro serviço de transmissão de voz via satélite baseado em tecnologia de transmissão digital.
1978	Lançamento do Código Postal, constituído por quatro dígitos.
1981	Mecanização no tratamento dos objetos postais.
1983	Criação do serviço de correio urgente Express Mail (EMS) e do serviço de correio rápido urbano Postexpresso.
1984	É implementado o SNT2000, nova estratégia para as telecomunicações dos CTT.
1988	Informatização das Estações dos CTT com o sistema ELENA (Escritório Eletrónico Nacional), permitindo a inauguração da primeira estação de correios totalmente informatizada, na Av. João XXI em Lisboa.
1988	Início da publicação do <i>Jornal dos CTT e TLP</i> com orientação gráfica de António Paula Santos e paginação de Mário Salgado.
1988	Lançamento, pelas empresas TLP e CTT, do serviço Telepac de transmissão de dados por pacote (X.25).
1988	Início do serviço Telefax, que permite o envio de fotocópias de documentos através da rede telefónica.
1988	Início do serviço móvel terrestre.
1988	Início do serviço de Credifone, com cabines telefónicas públicas que, em vez de moeda, são ativadas por cartão telefónico pré-pago.
1989	Os TLP transformam-se em Sociedade Anónima detida integralmente pelo Estado.
1990	Inauguração do serviço público de Videoconferência no Fórum Picoas, em Lisboa.
1991	Criação e lançamento do Correio Azul.
1991	Nasce a Teledifusora de Portugal (TDP), cuja missão é explorar as infraestruturas de Teledifusão.
1991	Constituição da TMN, Telecomunicações Móveis S.A.
1992	Lançamento da rede digital GSM da TMN.
1992	Cisão da empresa CTT, dando Origem aos Correios de Portugal, S.A. e à Telecom Portugal, S.A.
1993	Lançamento do primeiro satélite português, o PoSat1.
1993	Entra em funcionamento o terceiro maior cabo de fibra ótica do mundo com ligação entre Portugal, Espanha e África do Sul.



14



15

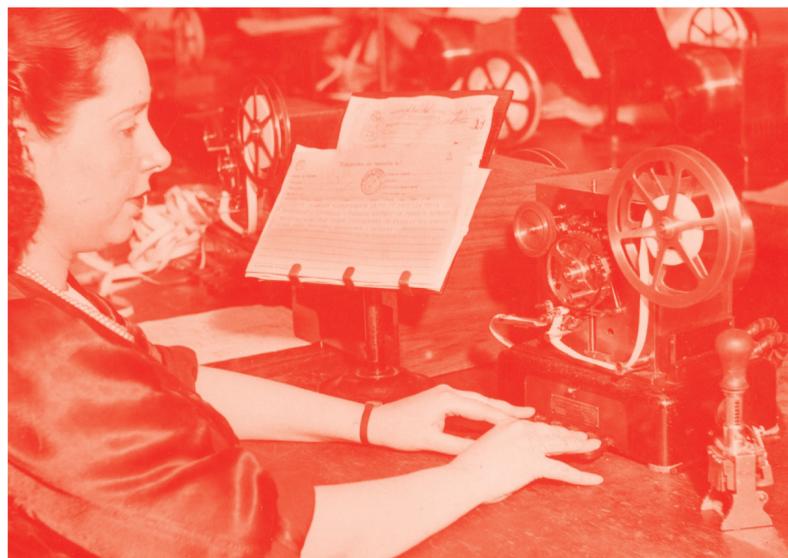


16



17

1994	A Telecom Portugal, a CPRM – Companhia Portuguesa Rádio Marconi, a TLP e a TDP – Teledifusão de Portugal fundem-se, dando origem à Portugal Telecom S.A. (PT).
1994	Primeira emissão experimental de televisão por cabo em Portugal.
1994	O Portal SAPO é criado na Universidade de Aveiro.
1994	Ano de arranque da Internet em Portugal e lançamento pela Telepac do serviço de acesso à internet em modo terminal – velocidade máxima 9600 bps.
1995	A TMN lança o primeiro telemóvel pré-pago do mundo, o Mimo.
1995	Nova identidade visual dos CTT desenhada pelo atelier B2 de José Brandão, usando a fonte de letra Gill Sans.
1998	Introdução do código postal de sete dígitos.
1998	Realiza-se a Expo '98, em Lisboa, com um grande envolvimento das Telecomunicações e Correios.
2000	Conclui-se a última fase de privatização da PT. Portugal tem 100% do território com cobertura de banda larga, sendo o quarto país do mundo a atingir esta meta.
2002	Lançamento do SAPO ADSL.
2003	Introdução do <i>tracktrace</i> nos registos, lançamento da MDDE – marca de dia eletrónica, e criação do serviço SIGA.
2003	Lançamento do PT Wi-Fi.
2004	Lançamento do Correio Verde.
2004	Nova Identidade visual dos CTT desenvolvida pela Brandia (design de Gonçalo Brandão), usando a fonte de letra FF Meta, em caixa baixa.
2004	A TMN lança a terceira Geração Móvel.
2005	A PT lança o serviço de voz sobre IP, o VOIP, permitindo a realização de chamadas de voz e vídeo através do SAPO Messenger.
2006	Lançamento do Via CTT, uma caixa postal eletrónica gratuita e universal que permite receber, organizar e arquivar todo o correio em formato digital.
2007	Lançamento do serviço <i>triple play</i> da Portugal Telecom, o MEO.
2008	Liberalização dos serviços postais na União Europeia.
2009	A TMN lança o primeiro <i>smartphone</i> com a plataforma Android.



18

01 Transmissão

Em 1855, com a substituição da telegrafia ótica pela telegrafia elétrica, consolidou-se o principal *medium* de telecomunicações da segunda metade do século XIX, assumindo uma decisiva importância social, militar, económica e política, constituindo o primeiro sistema moderno de telecomunicações em rede.

A 26 de abril de 1855, o ministro das Obras Públicas Fontes Pereira de Melo assinava com a Maison Bréguet um contrato para a construção das primeiras linhas de telégrafo elétrico em Portugal. No ano seguinte já se encontravam em funcionamento no nosso país 16 estações e as principais ligações, como Lisboa-Porto. Em 1864 criava-se a DGTR – Direção Geral dos Telégrafos do Reino, tendo como diretor o Eng.º Vitorino Damásio.

O design associado ao desenvolvimento da telegrafia e da telefonia é, então, inseparável da cultura científica e da engenharia. Destacam-se nomes como Maximiliano Hermann, que desenvolveu equipamentos de Morse, João Nunes Diabinho, que concebeu um melhorado comutador telegráfico, e Cristiano Bramão, que projetou diversos equipamentos de galvanometria, telegrafia e o marcante telefone de mesa Bramão.

Desenvolvido no final do século XIX, o sistema marconiano de radiotelegrafia (TSF) permite a implementação, nas primeiras décadas do século XX, de comunicações sem fios. A partir de 1904 assiste-se, em Portugal, a uma gradual modernização das redes telefónicas. O desenvolvimento tecnológico e dos serviços dos CTT Correios, Telégrafos e Telefones, empresa pertencente ao Estado português, e da APT – Anglo-Portuguese Telephone Company, possibilitam uma rápida disseminação do telefone no seu uso doméstico. Para a comunicação das empresas, são chamados a colaborar ilustradores e designers modernistas como Carlos Botelho ou Fred Kradolfer, destacando-se as composições das montras e decoração das estações.

Com a criação da empresa Companhia Portuguesa Rádio Marconi, em 1925, os contactos comerciais e pessoais ampliaram-se, por telefone e telegrama, ao mesmo tempo que se difundia o das telecomunicações na divulgação de informação através das agências noticiosas.

O primeiro serviço de telefone automático foi inaugurado em Portugal em 1930 e, sete anos mais tarde, a APT inaugurou a primeira estação automática em Lisboa. Nesse ano a rede da APT contava com 48.000 assinantes, e as *Listas de Assinantes* destacam-se pela qualidade gráfica das suas capas numa linguagem moderna *Art Déco*.

O crescimento da rede telefónica e a banalização do seu uso redefinirão não apenas a forma de comunicação, como criará novas e particulares formas de socialização.



19

02 Rede

Após mais de três décadas, ao longo das quais os serviços de telecomunicações deixaram de circunscrever-se a um único serviço (o telégrafo) para passarem a assegurar dois (telégrafo e telefone), foi apenas na década de 1930 que a telefonia passou a dominar o sector, numa hegemonia que se manteria até ao início dos anos 1990.

Em 1956 iniciam-se as transmissões experimentais da Rádio Televisão Portuguesa (RTP), cujos serviços de design e cenografia vieram a ser dirigidos por Octávio Clérigo, e em 1958 tem lugar a *Exposição Internacional de Bruxelas*, o primeiro grande evento internacional realizado no pós-Segunda Guerra Mundial. Nesse mesmo ano de 1958 era colocado ao serviço o primeiro feixe hertziano em Portugal para servir uma ligação regional, com uma capacidade para 240 vias telefónicas, entre a Central da Graça em Lisboa e a Central do Montijo. É neste mesmo contexto temporal que, em 1957, se dá o lançamento e a colocação em órbita, pela União Soviética, do primeiro satélite artificial, o *Sputnik I*. Com o emergir da era das telecomunicações satélites artificiais abre-se um novo capítulo na área das telecomunicações.

Também na década de 1950 é criado pelos CTT o GECA – Grupo de Estudos de Comutação Automática, reorganizado em 1972 (passando a designar-se CET – Centro de Estudos de Telecomunicações) e, mais tarde, com a constituição da PT – Portugal Telecom, transformado numa empresa do grupo, a PT Inovação. Do GECA à PT Inovação percorre-se, também neste período temporal, a evolução da inovação tecnológica, desde o apogeu do analógico até à rápida evolução do digital. A exposição pontua alguns momentos relevantes: a primeira emissão experimental de televisão por cabo em Portugal (1994); a criação do Portal Sapo (1994); o arranque da Internet em Portugal e o lançamento, pela Telepac, do serviço de acesso à Internet em modo terminal – velocidade máxima 9600 bps (1994); o lançamento pela TMN do primeiro telemóvel pré-pago do mundo, o Mimo (1995).

Com o pós-guerra, entre as décadas de 1950 e 1970, os usos, consumos e serviços de telecomunicações evoluíram aceleradamente. A automatização das redes telefónicas em Portugal continental conclui-se em 1985. Começava, então, uma nova era, com a gradual digitalização da comutação telefónica e o surgimento das primeiras centrais telefónicas digitais em 1987, em Lisboa e Aveiro. Equipamentos, redes, serviços e conhecimentos técnicos sofreram uma evolução ímpar. Na transmissão, passaram a coexistir gerações diferentes de redes, com recurso ao cabo de cobre, à fibra ótica e à rádio. A transmissão deixou de ser exclusivamente analógica e passou a incorporar tecnologias SDH e ATM. Na comutação, o trabalho manual da telefonista foi substituído por centrais automáticas eletromecânicas e, posteriormente, digitais. O acesso das redes de diferentes operadores e serviços obrigou a protocolos entre fornecedores de equipamentos, operadores e usuários. As telecomunicações passaram a trabalhar num contexto de operadores em regime de concorrência, abrangendo a telefonia, os dados, os telefones móveis, a televisão e a multimédia. A transmissão globalizava-se e globalizava-nos, uma nova *ars telemática* ensinava-nos a viver numa cultura das redes.



21

03 Equipamento

Em 1947 a *Exposição de Obras Públicas* apresentava, num discurso subordinado ao ideário do Estado Novo, os principais resultados do investimento estatal promovido entre 1932 e 1947, politicamente dirigido por Duarte Pacheco (ministro das Obras Públicas e Comunicações entre 1932 e 1943) e concluído por José Frederico Ulrich, ministro das Obras Públicas à data da Exposição.

Entre as várias administrações e comissões envolvidas na iniciativa, destacam-se, no contexto da presente exposição, a Administração-Geral dos Correios, Telégrafos e Telefones, dirigida por Luís Couto dos Santos, e a Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, nas quais se integrava a Comissão dos novos edifícios para os CTT dirigida pelo Eng.º José Espregueira Mendes.

Em 1934, a Administração-Geral dos CTT Correios, Telégrafos e Telefones havia aprovado o seu Plano Geral de Edificações, prevendo a construção de novos edifícios e a renovação dos equipamentos, mobiliário e fardamento. Nesse momento, as Oficinas Gerais da Administração, cujas obras para a sua instalação decorreram entre 1927 e 1928, dirigidas pelo Eng.º Henrique Jacinto Ferreira de Carvalho, encontravam-se já plenamente funcionais, possibilitando internamente a produção de um vasto conjunto de equipamentos sob direção dos Serviços de Estudos, Construção e Conservação dos CTT.

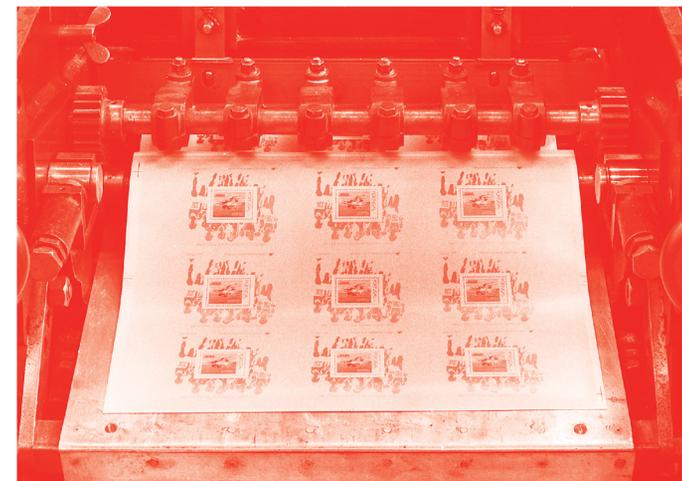
Com a aprovação e apoio do ministro Duarte Pacheco, é projetada a criação de estações-tipo dos CTT, num processo articulado com a Direção-Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais. A definição dos projetos-tipo é trabalhada por uma Comissão integrando o Eng.º Espregueira Mendes (DGEMN), o Eng.º Duarte Calheiros (CTT) e o Arq.º Adelino Nunes, principal responsável pelo projeto de arquitetura das estações-tipo, bem como pelo desenho dos interiores e equipamentos.

Afastando-se do Plano Geral de Mobiliário (1936) desenvolvido por funcionários das Oficinas Gerais dos CTT, as soluções propostas por Adelino Nunes refletiam uma clara modernidade e modularidade, com cabines telefónicas, apartados e recetáculos de correio, por exemplo, incorporados na construção, substituindo os móveis autónomos apresentados no Plano Geral de Mobiliário de 1936.

A primeira das estações-tipo a ser inaugurada, a de Alcobaça em 1938, assume já um novo desenho e funcionalidade do balcão, elemento determinante na configuração formal e funcional das estações. As estações inauguradas ao longo da década de 40 refletem a gradual redução do uso de aço ou outras ligas metálicas no mobiliário, devido às restrições impostas pelo contexto da Segunda Guerra Mundial, prevalecendo a utilização de madeira maciça de produção nacional em detrimento do contraplacado folheado, comum nos finais da década de 30.

Associadas à construção e equipamento das estações, uma série de indústrias nacionais eram ativadas. Não obstante as Oficinas Gerais assumirem uma parte significativa de produção ao nível da carpintaria e da serralharia, extensa é a lista de fornecedores do Estado, das fundações empreendidas pela Teixeira Duarte aos cimentos da Cimenteira Liz e da Secil, das tintas da Atlantic aos artigos cerâmicos da Fábrica das Devezas, dos mármoreos da Sousa Baptista, Lda., passando pelos geradores ENAE e lâmpadas Lumiar, dos condutores elétricos da CEL aos materiais de construção da Luselite, dos cofres da Fábrica Portugal aos telefones, rádios e cabos da Standard Elétrica, e da Automática Elétrica Portuguesa, das máquinas de escrever Messa e das balanças AP – António Pessoa ao mobiliário da Olaio, e chegando ao serviço de iluminação assegurado pela Companhias Reunidas Gás e Eletricidade.

Da engenharia ao design industrial, do design de fardamento ao design gráfico, inúmeros designers encontram-se direta ou indiretamente envolvidos neste processo, de Bernardo Marques, colaborador da Atlantic, a José Espinho, responsável por algum mobiliário da Olaio ou, já em plena segunda metade do século xx, Daciano da Costa, importante designer da Metalúrgica da Longra.



22

04 Emissão

Nas origens do Correio institucionalizado o serviço de entrega postal era pago pelo destinatário. Só no contexto vitoriano havia sido implementado o serviço do pré-pagamento do porte pelo remetente através da colocação de um selo postal adesivo na carta a expedir.

Em Portugal, o primeiro selo, o *D. Maria II*, será emitido em 1853. Idêntico no desenho ao *Penny Black*, o selo britânico de 1840 que ostentava o rosto da rainha Vitória, o D. Maria II teve como autor Francisco de Borja Freire e foi impresso em relevo pela Imprensa Nacional. Esta Emissão tem lugar na sequência de amplas reformas da Administração Pública, empreendidas por Fontes Pereira de Melo a partir de 1852, que priorizam a atualização da Repartição dos Correios e Postas do Reino e serviços associados. Assim, o transporte do correio passou a ser integralmente pago pelo remetente através da colocação do selo.

Se assinalarmos a proximidade temporal entre esta primeira Emissão e a introdução do telégrafo em Portugal (1855), é possível estabelecer uma ligação entre as narrativas históricas dos correios e das telecomunicações. As significativas evoluções de ambos na segunda metade do século XIX são causa e efeito de um processo mais amplo de liberalização político-económica, industrialização e modernização social. É neste contexto que o design se afirma, gradualmente, como campo disciplinar autónomo, na sequência da Great Exhibition de Londres, em 1851.

Da Emissão *D. Maria II* (1853) até ao selo *Ceres* (1912), o mais iconográfico dos emitidos no início do regime republicano, é possível reconhecer uma evolução técnica e formal das artes gráficas nacionais, sustentada na perícia do gravador e no conhecimento técnico do impressor.

A partir do início dos anos 1930, é possível reconhecer nas Emissões Filatélicas a exploração de linguagens modernistas. Em exposição estará a Emissão publicada para assinalar a *1.ª Exposição Colonial Portuguesa* (1934, Porto), que associa um notável artista visual, Almada Negreiros, a um notável gravador, Arnaldo Fragoso. Quer o desenho figurativo, quer o lettering trabalhados por Almada vinculam as Emissões a um design modernista, veiculador de princípios ideológicos que vão nortear o regime fascista do Estado Novo. Entre a apologia do Estado (selo *Tudo pela Nação*, Almada Negreiros, 1935) e a celebração quase mitológica de figuras da História de Portugal (selos *Navegadores Portugueses*, Jaime Martins Barata, 1944); entre o discurso folclórico e de regimentação da ruralidade (série *Costumes Portugueses*, 1941, 1947) e a dimensão celebratória do regime (Emissão associada à *Exposição do Mundo Português*), as Emissões Filatélicas são alvo de um controlo rigoroso pelo regime. Porém, a influência modernista de António Ferro no SPN/SNI repercutia-se na direção artística das Emissões e na qualidade dos artistas e designers convidados.

Em 1947, seis anos antes de assinar a nova imagem visual dos CTT, Jaime Martins Barata assumira a direção artística junto da Administração Geral dos CTT. Manteve-se em funções até 1968, sucedendo-lhe, em 1969, José Pedro Martins Barata e, mais tarde, Luiz Duran.

A responsabilidade direta ou influência que Jaime Martins Barata terá, nesse período de 22 anos, nas publicações dos CTT é digna do maior destaque, sendo marcada pela elevada qualidade gráfica dos trabalhos de autores como Almada Negreiros, Cândido da Costa Pinto, José Pedro Roque, Manuel Rodrigues, Júlio Resende, Maria Keil, Paulo-Guilherme, João Abel Manta, Alberto Cardoso e Sebastião Rodrigues.

Sob a direção artística de José Pedro Martins Barata e Luiz Duran, assiste-se à renovação dos ilustradores e designers num contexto democrático e num período onde as Emissões Postais refletem a evolução técnica das artes gráficas na sua gradual aproximação aos processos digitais. Através da história das emissões filatélicas é também a história de Portugal que vai sendo narrada, possuindo os selos essa magnífica capacidade de manifestarem incontornável valor documental, narrativo e artístico.



23

24

05 Mensagem

A Altice Portugal e os CTT Correios de Portugal, duas das maiores empresas sediadas em Portugal, são, na atualidade, as marcas representativas de uma longa história, tendo vindo a sustentar a evolução das telecomunicações e dos correios em Portugal.

Durante quase um século empresas públicas de referência, elas concentram um legado pontuado pelo funcionamento de diversas outras empresas (a APT – The Anglo-Portuguese Telephone Company; a CPRM – Companhia Portuguesa Rádio Marconi; os TLP – Telefones de Lisboa e Porto; a Portugal Telecom; e a evolução da empresa Correios, Telégrafos e Telefones).

Associado às campanhas publicitárias, aos materiais de comunicação e às publicações destas empresas, encontramos um vasto arquivo que atravessa uma particular história do design gráfico e da ilustração nacionais.

Em convergência com o panorama internacional, os anos 20 portugueses assistem a um período de desenvolvimento de uma nova cultura de massas, da democratização do lúdico, da eletrificação das cidades, que ajuda a transferir a boémia para o seio da socialidade elegante. Nos vários contextos, do teatro às corridas de automóveis, dos campeonatos de ténis ao cinema, da renovação dos espaços comerciais ao futebol e aos concursos hípicos, o design – dito então de artes decorativas – vai marcando uma presença crescente e crescentemente valorizada.

É sobretudo na sequência do investimento promocional desenvolvido pela APT – The Anglo-Portuguese Telephone Company para a realização do seu stand de participação no *Salão de Elegância Feminina & Artes Decorativas*, promovido pela revista *Voga* (SNBA, 1928), que se tornam notórias as inúmeras campanhas publicitárias e a qualidade visual das mesmas. As campanhas publicitárias e as intervenções em montras encomendadas pela APT na década de 1930 a designers como Fred Kradolfer ou Eduardo Anahory serão o primeiro momento fundamental de uma modernização gráfica do discurso visual de uma empresa de telecomunicações em Portugal.

Sobretudo a partir de 1937 com a criação da SEP – Secção de Publicidade e Propaganda dos CTT, vemos surgirem cartazes e brochuras de linguagem modernista assinadas por autores como Carlos Botelho, Abílio de Matos, Oskar Pinto Lobo ou Cunha Barros. A qualidade da ilustração assume-se como um veículo determinante na veiculação de mensagens através das quais os valores da companhia e os seus serviços se iam disseminando.

Em 1941 os CTT iniciam a publicação do seu *Guia Oficial* que, do ponto de vista visual, será a publicação de referência da empresa.

Em 1947 Jaime Martins Barata assume a direção artística junto da Administração Geral dos CTT, funções que exercerá até 1968, associando a sua cultura visual a muitos dos materiais de comunicação produzidos nesse período que marca o culminar do estilo internacional na orientação comunicacional dos discursos corporativos.

Gradualmente, as empresas de telecomunicações e correios criam os seus próprios gabinetes de design. A produção gráfica desenvolvida internamente pelo Gabinete de Design – GIC 20 para os TLP e, ao longo dos anos 1990 pelo Gabinete de Design dos CTT, asseguram uma maior proximidade com as administrações e articulação entre serviços. Comparativamente com a produção gráfica anterior, a perda de expressão autoral e a menor expressão formal denota um particular enfoque em promover mensagens, serviços e produtos num contexto de aceleração comunicacional.



25

06 Identidade

Fazia parte dos privilégios concedidos pela Coroa ao Correio-Mor e seus cavaleiros — os correios — o uso de armas reais. Assim o foi desde 1525 até 1894, já após a fusão dos Correios e Telégrafos, momento em que a reorganização da empresa e dos serviços levou à implementação, por decreto do Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria, de uma nova identidade visual: surgia, por baixo da Coroa, uma representação gráfica que identificava, num dos símbolos, o serviço de correios e noutro o serviço telegráfico.

Em 1911, acompanhando a evolução social e política no contexto da Primeira República, os Correios e Telégrafos passam a constituir uma Administração-Geral, assumindo autonomia administrativa e financeira. Porém, só em 1936, em pleno Estado Novo, a empresa estabilizará uma identidade visual normalizada, com a utilização do logótipo com o escudo nacional e a esfera armilar atravessada pela sigla CTT.

A modernização dos CTT ao longo da década de 1940 exigiria o desenvolvimento de uma nova identidade visual, já que a empresa se reorganizará, expandirá e assumirá uma expressão identitária ainda mais relevante na vida social e económica portuguesa na viragem para a segunda metade do século xx.

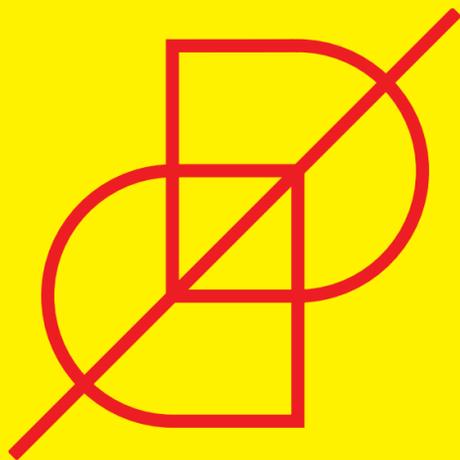
Em 1953, ano em que se celebra o primeiro centenário do Selo Postal português, Jaime Martins Barata cria a famosa identidade dos CTT, representando um postilhão a cavalo, inspirado em algumas representações visuais dos serviços postais do Norte da Europa. Não obstante um esforço da Administração dos Correios para a aplicação normalizada da nova identidade em substituição da anterior, em inúmeras situações dar-se-á a coexistência de logótipos, situação que se manterá até aos dias de hoje, em que a evolução da identidade visual dos Correios surge com as suas diferentes representações gráficas em simultâneo em diferentes suportes.

Percorrendo as ruas das cidades portuguesas, observando os marcos de correio, a imagem aplicada nos recetáculos ou os símbolos que se destacam nas fachadas dos edifícios dos Correios, é possível identificar essa evolução histórica em que uma imagem não substituiu em absoluto as anteriores.

Também é notório como a evolução dos serviços prestados pelos CTT e as reconfigurações organizacionais e estratégicas têm implicado alterações de identidade visual. A meio da década de 1990, o atelier B2 de José Brandão criou uma versão contemporânea do logótipo de Jaime Martins Barata, associado novos valores à empresa. Nove anos depois, em 2004, a necessidade de uniformizar uma identidade visual para as diversas empresas e serviços do universo CTT levou a um aprofundado *rebranding*, a cargo da Novodesign/Brandia, coincidindo de forma articulada com a criação de novas lojas (desenvolvidas pela 37 Design) e um novo projeto de fardamento desenhado por Ana Salazar.

Imagens:
Arquivo Histórico e Biblioteca -
Fundação Portuguesa das Comunicações

①	Equipamentos de multiplexagem da Estação Marconi de Cabos Submarinos, em Sesimbra.	⑬	Estação do Monte das Luzes, na ilha da Flores, Açores, com destaque para as antenas, 1967.
②	Sala do Serviço Telegráfico, início do século xx.	⑭	Equipamentos dos CTT para apoio às eleições presidenciais de 1980, instaladas na Fundação Calouste Gulbenkian, 1980.
③	Passagem do cabo coaxial Lisboa-Porto na Ponte D. Luís, Porto, 27 de junho de 1958.	⑮	Telefone público no interior de um estabelecimento comercial, 1984.
④	Fase do fabrico de selos na Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.	⑯	Aparelhos de Bip-Bip utilizados no Serviço de Chamada de Pessoas, 1985.
⑤	Lançamento de cabo telefónico subfluvial no rio Tejo. Estendendo o cabo próximo da Torre de Belém antes de ligar à cabine marginal de amarração, 1947.	⑰	Utilização de radiotelefone num veículo automóvel particular, 1986.
⑥	Logotipo dos CTT, 1936.	⑱	Estação Central Telegráfica de Lisboa, anos 1940.
⑦	Stand da Marconi no Pavilhão das Telecomunicações, na <i>Exposição do Mundo Português</i> , 1940.	⑲	Demonstração de utilização do Credifone, 1986.
⑧	Secção de Serralharia Mecânica das Oficinas Gerais dos CTT. Fotografia de de Horácio Novais, 1955.	⑳	Torre de feixes hertzianos da serra do Marão, 1984.
⑨	<i>Express Mail</i> : inauguração do voo pela LAR – Linhas Aéreas Regionais, 1986.	㉑	Estação de Correios da Figueira da Foz, projeto de Adelino Nunes, 1943.
⑩	Carruagem de ambulância postal ferroviária, modelo CC4, 1930.	㉒	Fase do fabrico de selos na Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1984
⑪	Giro motorizado nos arredores de Cascais, 1982.	㉓	Cartaz publicitário da APT da autoria de Carlos Botelho, anos 1930.
⑫	Lançamento da montagem do cabo coaxial telefónico Lisboa-Porto, 29 de maio de 1957.	㉔	"Impossível o conforto sem um telefone". Montra publicitária n.º 102, da autoria de Alpoim, que esteve patente nas estações da APT na Rua da Trindade, Rua da Conceição e Rua da Palma, 1934.
		㉕	Logotipo dos CTT, 1953.



A Casa do Design pretende afirmar-se como um espaço central de exposição, divulgação e produção crítica de conhecimento em design com um enfoque no design português.

A par de uma programação regular — centrada em exposições que suscitem reflexão e debate sobre a cultura do design contemporâneo ou, noutra perspetiva, que investiguem, recolham e preservem conhecimento histórico ligado à evolução do design nas suas diversas áreas — será criada uma coleção permanente e um acervo documental que potencializem a investigação e disseminação de conhecimento em design.

O projeto resulta de uma parceria entre a Câmara Municipal de Matosinhos e a esad—idea, Investigação em Design e Arte (o centro de investigação da ESAD/Escola Superior de Artes e Design), e pretende afirmar-se através de uma abertura a diferentes áreas, temas e públicos, mas igualmente pela recetividade a novas propostas e futuros parceiros, de forma a reforçar a dimensão de um espaço que se quer de abrangência e relevância nacional e internacional.

A Casa do Design abriu oficialmente as suas portas ao público a 30 de junho de 2016, com a exposição BURILADA | arte-factos para a sobrevivência, tendo até à data sido apresentadas oito exposições.